

Senado Ex-presidente recebe apelo para suceder Jader e faz suspense; sucessão derruba líder do PSDB

Veto leva Renan a oferecer cargo a Sarney

**Ricardo Amaral
e Marlusa Mattos**
De Brasília

Num lance arriscado, o senador e líder do PMDB Renan Calheiros (AL) fez ontem um apelo público ao senador José Sarney (PMDB-AP) para que este aceite a indicação para presidir o Senado, em substituição a Jader Barbalho (PMDB-PA) que renunciou ontem ao cargo. Se aceitar, Sarney será indicado em reunião da bancada hoje e eleito à tarde. A recusa devolveria a Renan força política para indicar o novo presidente ou retomar sua candidatura, mesmo correndo o risco de prolongar a crise do Senado. A sucessão já provocou uma

crise no PSDB, que levou ontem à renúncia do líder Sérgio Machado (CE), aliado de Renan. Renan Calheiros já tinha a maioria dos votos da bancada para receber a indicação, disputando com os senadores José Alencar (MG) e José Fogaça (RS), mas, diante de vetos a seu nome, por parte do governador Tasso Jereissati e do presidente do PSDB, José Aníbal, decidiu, sozinho, expor Sarney a uma última oportunidade.

O cargo já havia sido oferecido ao ex-presidente no início do ano, quando o ex-senador Antonio Carlos Magalhães buscava um nome de consenso para impedir a eleição de Jader. À noite, depois de receber senadores da oposição, Sarney impôs mais uma condição para acei-

tar o cargo: a renúncia do candidato José Alencar, que não parecia disposto a ceder. "Não sou candidato contra ele, mas tenho o direito de disputar democraticamente", reagiu Alencar.

"Estamos repetindo o mesmo filme de minha eleição", disse Jader. "Ao invés de fazer política, estão apresentados vetos a uma decisão que cabe exclusivamente à bancada do PMDB". Além de Tasso e Aníbal, o presidente do PFL, Jorge Bornhausen (SC), trabalhou nos bastidores para que Sarney aceitasse a proposta, mas o ex-presidente bateu na mesma tecla da eleição anterior: "Ele aceita presidir o Senado, desde que haja um consenso entre os partidos", disse o presidente em

exercício do Senado e aliado de Sarney, Édison Lobão (PFL-MA).

Sarney e o PMDB foram surpreendidos pelo lance de Renan, que ouviu queixas do líder de seu partido na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA). "Se o Sarney aceitar, vai parecer uma vitória política do Antonio Carlos", disse o deputado, repetindo argumento do PT que havia sido entendido por Sarney como um voto a seu nome. Renan fora a Sarney acompanhado do líder do PPS, Paulo Hartung (ES). "Vamos trabalhar para remover obstáculos políticos", disse Renan. "Hoje nem Deus é unanimidade".

O líder José Eduardo Dutra (PT-SE) esteve com Sarney no início da noite para dizer que o PT

não o veta, mas não lhe dá os votos. "Nada temos pessoalmente contra sua candidatura, mas consideramos que ela não é adequada no momento, porque seu nome foi envolvido no episódio da briga entre Jader e Antonio Carlos", disse Dutra. O mesmo argumento vale, no PT, para a candidatura de Renan Calheiros, identificado com Jader Barbalho. "Não dá para apoiar nenhum dos contendores, pois seria uma continuação da briga" disse Dutra.

Se for Sarney o indicado, a bancada do PT vai abrir questão, para que cada senador vote de acordo com a consciência. "Só de não haver voto, fico satisfeito", respondeu Sarney, sem garantir, no entanto, se aceitaria ou não a pro-

posta. O presidente Fernando Henrique Cardoso telefonou mais uma vez para dizer a Sarney que não vetara seu nome quando disse que preferia o ministro Ramez Tebet para o cargo. Jorge Bornhausen disse que o presidente faria um apelo a Sarney para aceitar o cargo, mas o Planalto não confirmou a informação.

Constrangido pela bancada, por ter participado dos entendimentos que levaram ao lançamento do nome de Renan no último domingo, Sérgio Machado teve de entregar o cargo de líder numa reunião ontem à noite, na presença de José Aníbal. Machado deve ir para o PMDB. Deve ser sucedido por Romero Jucá (RR), atual líder do governo.